

AS

OUTRAS

PESSOAS



C.J. TUDOR



As outras pessoas

As outras pessoas

C. J. Tudor

Tradução de Giu Alonso



Copyright © C. J. Tudor, 2020

TÍTULO ORIGINAL
The Other People

REVISÃO
Raphani Margiotta
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

FOTO DE CAPA
©Bela Molnar

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T827o

Tudor, C. J., 1972-
As outras pessoas / C. J. Tudor ; tradução Giu Alonso. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: The other people
ISBN: 978-85-510-0650-4

1. Romance inglês. I. Alonso, Giu. II. Título.

20-62411

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha mãe e meu pai — as melhores pessoas.

“O inferno são os outros.”

— Jean-Paul Sartre

Ela dorme. Uma menina pálida num quarto branco. Cercada de máquinas Guardiãs mecânicas, elas prendem a menina adormecida ao reino dos vivos, impedindo que flutue para longe em ondas eternas e sombrias.

Os bipes ritmados e o ressonar dificultoso de sua respiração são os únicos sons que embalam o sono da menina adormecida. Antes, ela amava música. Amava cantar. Amava tocar. Ela encontrava música em tudo — nos pássaros, nas árvores, no mar.

Um pequeno piano foi colocado no canto do quarto. A tampa do teclado está aberta, mas as teclas estão cobertas com uma camada fina de poeira. Em cima do piano há uma concha cor de marfim. Seu interior cor-de-rosa sedoso parece as curvas delicadas de uma orelha.

As máquinas emitem seus bipes e ruídos.

A concha treme.

Um “dó” agudo de repente toma o quarto.

Em algum lugar, outra menina cai.

CAPÍTULO 1

Três anos antes *Rodovia M1 — direção Norte*

Ele percebeu os adesivos primeiro, emoldurando o para-brisa traseiro do carro e preenchendo o para-choque.

Buzine se estiver com tesão.

Não me siga, estou perdido.

Quando se dirige que nem eu, é melhor acreditar em Deus.

Buzina quebrou. Atenção no dedo.

Homens de verdade amam Jesus.

Contradição é pouco. Porém, uma coisa era óbvia: o motorista era um babaca. Gabe poderia apostar que o cara usava camisetas com frases e tinha na mesa de trabalho uma imagem de um macaco com as mãos na cabeça e a frase: *Você não precisa ser doido para trabalhar aqui, mas com certeza ajuda!*

Ele ficou surpreso que o motorista conseguisse enxergar pelo para-brisa traseiro. Por outro lado, pelo menos fornecia material de leitura para as pessoas nos engarrafamentos. Como aquele no qual estavam presos no momento. Uma fila longa de carros se arrastava pelo trecho em obras da M1; parecia que elas tinham começado em algum momento do século anterior e estavam determinadas a se arrastar pelo próximo milênio.

Gabe suspirava e tamborilava no volante, como se isso de alguma maneira pudesse acelerar o tráfego ou materializar uma máquina do tempo. Ele estava quase atrasado. Não exatamente. Não por enquanto. Chegar em casa a tempo ainda estava dentro das possibilidades. Mas ele não tinha muitas esperanças. Na verdade, a esperança o havia abandonado em torno da entrada 19, junto com

todos os motoristas espertos o bastante para se arriscarem com o GPS e um desvio pelas estradas do interior.

O mais frustrante era que ele tinha conseguido sair na hora. Deveria ter chegado em casa facilmente até as 18h30, para jantar e colocar Izzy na cama, o que ele havia prometido — *prometido* — a Jenny que faria.

“Só uma vez por semana. É só isso que estou pedindo. Uma noite em que vamos jantar juntos, você vai ler uma história para sua filha dormir, e nós podemos fingir que somos uma família normal e feliz.”

Aquilo magoara. Ela dissera com a intenção de magoar.

É claro que ele poderia ter argumentado que tinha sido *ele* quem arrumara Izzy para a escola naquela manhã, enquanto Jenny teve que correr para se encontrar com um cliente. *Ele* que acalmara a filha e passara antisséptico no seu queixo quando o gato temperamental (que *Jenny* adotara) arranhou a menina.

Mas ele não fez isso. Porque os dois sabiam que isso não compensava todas as vezes que ele faltara, todos os momentos em que não estivera presente. Jenny não era injusta. Mas quando se tratava da família, ela estabelecia um limite muito firme. Se você ultrapassasse esse limite, demorava um bom tempo até ela permitir uma nova tentativa.

Esse era um dos motivos pelos quais ele a amava: sua dedicação profunda à filha deles. A mãe de Gabe havia sido mais dedicada à vodca barata, e ele não conhecera o pai. Gabe tinha jurado que seria diferente, que estaria presente na vida da sua menininha.

No entanto, ali estava ele, preso na rodovia, prestes a se atrasar. De novo. Jenny não o perdoaria. Dessa vez, não. Ele nem queria pensar muito no que isso significaria.

Ele tentou ligar, mas a ligação caíra na caixa postal. E agora seu celular estava com um por cento de bateria, o que significava que desligaria a qualquer momento, e é claro que justamente hoje ele havia esquecido o carregador em casa. Tudo que podia fazer era ficar lá parado, lutando contra o desejo de pisar no acelerador e atropelar todo o trânsito à sua frente, tamborilando agressivamente no volante e encarando o maldito Cara dos Adesivos.

Muitos dos adesivos pareciam velhos. Desbotados e amassados. Aliás, o próprio carro parecia centenário. Um velho Cortina ou algo parecido. Era daquela cor muito popular nos anos 1970: um dourado meio apagado. Banana podre. Pôr do sol poluído. Sol moribundo.

Fumaça cinzenta e imunda era cuspidada de vez em quando do escapamento torto. O para-choque estava todo pontilhado de ferrugem. Ele não conseguia ver a marca do fabricante, que provavelmente caíra junto com metade da placa. Restavam só as letras “T” e “N” e o que parecia parte de um seis ou oito. Gabe franziu a testa. Tinha certeza de que isso era contra a lei. Aquela banheira nem devia estar circulando, provavelmente não tinha seguro nem um motorista qualificado. Melhor não se aproximar muito.

Ele estava pensando em trocar de pista quando o rosto de uma menina apareceu pelo para-brisa traseiro, perfeitamente emoldurado pelos adesivos descascados. Ela parecia ter cinco ou seis anos. Rosto rechonchudo e corado. Cabelo louro fino preso em duas marias-chiquinhas.

Seu primeiro pensamento foi que ela deveria estar presa numa cadeirinha para crianças.

Seu segundo pensamento foi: *Izzy*.

Ela o encarou. Seus olhos se arregalaram. Ela abriu a boca, revelando o espaço de onde um dente da frente havia caído. Ele se lembrava de ter embrulhado o dente num lenço e escondido embaixo do travesseiro para a fada do dente.

Ela gritou, sem som:

— Papai!

Então alguém estendeu a mão, agarrou seu braço e a puxou para baixo. Fora de visão. Sumiu. Desapareceu.

Ele encarou a janela vazia.

Izzy.

Impossível.

Sua filha estava em casa, com a mãe. Provavelmente vendo Disney Channel enquanto Jenny preparava o jantar. Ela não podia estar num carro estranho, sendo levada sabe Deus para onde, sem nem estar presa em segurança numa cadeirinha.

Os adesivos bloqueavam sua visão do motorista. Gabe mal conseguia ver o topo da cabeça dele acima do *Buzine se estiver com tesão*. Foda-se. Ele buzinou de qualquer maneira. Então piscou os faróis. O carro pareceu acelerar um pouco. À frente, as obras na pista terminavam, e as placas de oitenta quilômetros por hora eram substituídas pelo limite de velocidade nacional.

Izzy. Ele acelerou. Estava num Range Rover novinho. O carro disparou feito um foguete. Ainda assim, a banheira enferrujada à sua frente estava se afastando. Ele pisou ainda mais fundo no acelerador. Encarou o velocímetro,

passando dos cento e vinte quilômetros por hora, cento e vinte e cinco, cento e trinta. Ele estava se aproximando, e então a banheira de repente se enfiou na pista do meio e ultrapassou vários carros. Gabe seguiu, cantando pneu na frente de um caminhão. O estrondo da buzina quase o deixou surdo. Seu coração parecia que ia explodir seu peito, que nem a porra do *Alien*.

O carro dos adesivos costurava o tráfego perigosamente. Gabe estava preso entre um Ford Focus do lado e um Toyota na frente. Merda. Ele deu uma olhada pelo retrovisor, entrou na pista à direita e então ultrapassou o Toyota. Ao mesmo tempo um Jeep surgiu pela esquerda, que por pouco não bateu na frente do carro. Ele pisou nos freios com toda a força. O motorista do Jeep ligou o pisca-alerta e ergueu o dedo do meio.

— Vai se foder *você*, seu miserável!

A banheira enferrujada já estava vários carros à frente agora, ainda costurando pelo trânsito, os faróis desaparecendo ao longe. Ele não conseguiria alcançá-la. Era perigoso demais.

Além disso, Gabe tentou convencer a si mesmo, devia estar errado. *Só podia estar*. Não tinha como ser Izzy. Impossível. Por que diabos ela estaria naquele carro? Ele estava cansado e estressado. Estava escuro. Devia ser alguma outra garotinha parecida com Izzy. *Muito parecida com Izzy*. Uma garotinha com o mesmo cabelo louro em marias-chiquinhas, o mesmo sorriso banguela. *Uma garotinha que o chamou de “papai”*.

Uma placa surgiu: SERVIÇOS A 2,5 KM. Ele podia parar, fazer uma ligação, acalmar a mente. Mas já estava atrasado; era melhor continuar. Por outro lado, o que seriam mais alguns minutos? A saída de serviço estava ficando para trás. Continuar? Parar? Continuar? Parar? *Izzy*. No último segundo, girou o volante para a esquerda, passando por cima dos tachões brancos e atraindo mais buzinas. Ele acelerou pela saída de serviço.

Gabe quase nunca parava nesses postos de serviço. Achava que eram lugares deprimentes, cheios de pessoas infelizes que queriam estar em outro lugar.

Ele desperdiçou minutos preciosos andando de um lado para outro, passando por diferentes lanchonetes, atrás de um telefone público, que por fim encontrou escondido entre os banheiros. Só havia um. Ninguém mais usava telefones públicos. Ele desperdiçou outros vários minutos procurando moedas antes de perceber que poderia usar um cartão. Então tirou o cartão de débito da carteira, enfiou no aparelho e ligou para casa.

Jenny nunca atendia no primeiro toque. Estava sempre ocupada, sempre fazendo alguma coisa com Izzy. Às vezes ela dizia querer ter oito pares de mãos. Ele deveria estar mais presente, pensou. Deveria ajudar.

— Alô.

Uma voz de mulher, mas não era Jenny. Desconhecida. Será que ele tinha ligado para o número errado? Não ligava muito para casa. Hoje em dia tudo era o celular. Ele verificou o número no visor do aparelho. Definitivamente era o telefone fixo deles.

— Alô? — repetiu a voz. — É o sr. Forman?

— Sim. É o sr. Forman. Quem é você?

— Eu sou a detetive Maddock.

Uma detetive. Na casa dele. Atendendo o telefone.

— Onde o senhor está, sr. Forman?

— Na M1. Quer dizer, num posto de gasolina. Voltando do trabalho.

Ele estava falando demais, como se fosse culpado de algo. Mas pensando bem, ele *era* culpado, não? De muitas coisas.

— O senhor precisa voltar para casa, sr. Forman. O mais rápido possível.

— Por quê? O que houve? *O que aconteceu?*

Uma longa pausa. Um silêncio pesado e abafado. O tipo de silêncio, pensou ele, que transborda de palavras não ditas. Palavras prestes a destruir completamente a sua vida.

— É sobre a sua esposa... e a sua filha.

Gabe está no trânsito, parado atrás de um carro velho, todo enferrujado. O rosto de uma menina aparece no vidro traseiro.

Ela pronuncia uma palavra: *Papai*. É a filha de Gabe. Izzy. De apenas cinco anos. Então o carro dispara e ele nunca mais a vê.

Três anos depois, Gabe passa os dias e as noites rodando pela estrada, procurando pelo carro que levou sua filha, se negando a abandonar a esperança de encontrá-la.

Mesmo que todos acreditem que ela esteja morta.

TODOS NÓS ACHAMOS QUE
TRAGÉDIAS SÓ ACONTECEM
COM AS OUTRAS PESSOAS.
ATÉ ACONTECEREM COM A GENTE.

ISBN 978-85-510-0650-4



9 788551 006504

www.intrinseca.com.br